

# RETÓRICA, ARGUMENTAÇÃO E A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

## RHETORIC, ARGUMENTATION AND THE PROCLAMATION OF THE GOSPEL: A POSSIBLE DIALOG

Fagner Carvalho Silva<sup>1</sup>

**RESUMO:** O cristianismo é uma religião que tem suas bases no judaísmo, porém, é inegável que o paleocristianismo foi influenciado significativamente pela retórica grega. Isso indica a possibilidade de análise dos textos bíblicos à luz da retórica e das teorias da argumentação, mas não apenas isso. O presente estudo visa demonstrar a possibilidade de contribuição da retórica e das teorias da argumentação na proclamação do evangelho. Dada a sua importância, é de se esperar que nos próprios textos bíblicos encontremos estratégias e figuras de retórica que visem a proclamação do evangelho e a defesa da fé cristã. Desta forma, apresentaremos, de forma sucinta, a retórica e a sua relação com a argumentação visando mostrar o diálogo possível entre essas disciplinas e a pregação do evangelho.

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), membro do Grupo de Estudos Dialógicos em Discurso e Argumentação (PPGEL/CNPq). Email: carvalho.fagner@hotmail.com.

**PALAVRAS-CHAVE:** Argumentação, Discurso, Evangelho, Retórica.

**ABSTRACT:** Christianity is a religion that has its foundations in Judaism, but it is undeniable that Paleo-Christianity was significantly influenced by Greek rhetoric. This indicates the possibility of analyzing biblical texts in the light of rhetoric and theories of argumentation, but not only that. This study aims to demonstrate the possible contribution of rhetoric and theories of argumentation to the proclamation of the gospel. Given their importance, it is to be expected that in the biblical texts themselves we will find rhetorical strategies and figures aimed at proclaiming the gospel and defending the Christian faith. In this way, we will briefly present rhetoric and its relationship with argumentation in order to show the possible dialog between these disciplines and the preaching of the gospel.

**KEYWORDS:** Argumentation, Discourse, Gospel, Rhetoric.

## INTRODUÇÃO

**A** retórica, em muitas situações, é vista como uma espécie de artimanha, armadilha, que visa levar pessoas a um caminho enganoso, contrário à verdade. Porém, a retórica, desde a sua gênese, é fundamental para o funcionamento da democracia e, principalmente nos nossos dias, para a comunicação.

Dada a sua importância, é de se esperar que nos próprios textos bíblicos encontremos estratégias e figuras de retórica que visem a proclamação do evangelho e a defesa da fé cristã.

Existem trabalhos em língua portuguesa que apontam para esses aspectos retóricos e argumentativos presentes nos textos bíblicos<sup>2</sup>. Alguns trabalhos não são muito conhecidos devido à perspectiva teórica ser consideravelmente distante e ter ocorrido poucos desdobramentos em língua portuguesa, como é o caso da Análise Retórica Bíblica Semítica<sup>3</sup>. É de se considerar que as premissas da abordagem supracitada exigem um certo folego para entendê-las e, principalmente, defendê-las.

Sendo assim, é possível percebemos o uso dos elementos de retórica que foram empregados pelos primeiros cristãos e os efeitos de sentido dos seus discursos. Não apenas isso, é possível observarmos que esses elementos não só podem ser analisados como também podem ser empregados por aqueles que proclamam o evangelho na contemporaneidade. Isso pois as técnicas variam de acordo ao auditório e os seus valores, mas a metodologia permanece, o que não significa a minimização da mensagem do evangelho, mas uma estratégia para anunciá-lo e uma forma de organização de dois mil anos de pregação.

Por esta razão, apresentaremos, brevemente, a retórica considerando, principalmente, a sua (s) crise (s) e o seu ressurgimento na década de 60. O objetivo é apresentar a retórica e a (s) (teorias da) argumentação como possibilidades de análise dos textos bíblicos e ferramentas para a proclamação do evangelho. Ferramentas essas que foram empregadas no paleocristianismo e que podem ser empregadas na contemporaneidade. Faremos uma breve caminhada refletindo, sucintamente, sobre a Retórica e a Nova Retórica, apresentando seus momentos de crise e o seu “ressurgimento”, assim como apresentaremos os desdobramentos desse ressurgimento, mostrando a relação

---

<sup>2</sup> (Ferreira, 2012; 2011); (Silva, 2023).

<sup>3</sup> *Trattato di Retorica Biblica* (2008); *Studi di retorica biblica* (2008); *Esercizi di analisi retorica biblica* (2013).

entre argumentação e persuasão e finalizaremos apresentando uma possibilidade de análise de uma unidade textual do Evangelho de Marcos (Mc 16:9-20) relacionando argumentação, persuasão e proclamação do evangelho.

## 1 RETÓRICA E NOVA RETÓRICA

Yuval Noah Harari em sua conhecida obra *Homo Deus: Uma breve história do amanhã* ao refletir sobre as vitórias da humanidade (fome, pestes) afirma que “hoje, a principal fonte de riqueza é o conhecimento” (Harari, 2016, p. 25). Tal afirmação parte do fato de que as grandes economias se assentaram no conhecimento em detrimento às bases materiais, principalmente as bélicas, já que uma guerra nuclear, por exemplo, seria uma espécie de suicídio coletivo. As guerras tornaram-se eventos restritos a determinados lugares.

Mesmo diante de tanta violência noticiada diariamente, temos a “tranquilidade” de vivermos em um tempo no qual não saímos para a guerra que é um caminho certo de morte. Porém, é seguro afirmar que a violência ganhou novos rostos, maneiras distintas de atingir o outro. Talvez, por este motivo, a retórica torna-se tão importante, indispensável em um mundo em que a liberdade é atacada constantemente e violentamente, em que vivemos uma guerra simbólica.

Como destaca Massmann, “desde sua fundação, a retórica se assenta na linguagem. Sua formação, por exemplo, deve-se à tentativa de substituir a força física (a violência) pela força do simbólico (a linguagem)” (2021, p. 14). O mundo contemporâneo percebeu que a força física já não é mais intimidadora, logo, o simbólico ganha força. Dizer que a força física já não é intimidadora pode parecer exagerado, porém, com a efervescência das redes sociais, em que o marketing digital é o novo “senhor” da internet, não são apenas as empresas que vendem valores e tentam convencer os seus clientes.

Pessoas físicas, cada vez mais adentram nesse mundo, alguns são chamados de influenciadores digitais e “vendem” posicionamentos e uma imagem valorada, logo, o medo de um “cancelamento” supera o medo de uma agressão física. O mundo é cada vez mais retórico, o que não significa que na antiguidade a retórica não tinha relevância.

Amossy (2018) enfatiza a posição da Retórica de Aristóteles ao afirmar que o uso da palavra foi concedido ao homem para exercer influência. A autora reafirma a importância do aspecto social e cultural da retórica antiga, principalmente por estar diretamente relacionada a *polis*. Nesse espaço político e institucional dotado de costumes e leis, grupos humanos são formados em torno de valores simbólicos. Amossy destaca que a persuasão pressupõe liberdade de julgamento e “a retórica só tem sentido, de fato, onde o auditório pode dar seu assentimento sem ser constrangido pela força” (2018, p. 16).

Logo, a retórica na antiga Grécia permitia o funcionamento da *polis*, pois as controvérsias eram manejadas de tal forma que garantia o bom andamento da justiça e a democracia funcionava através da prática da palavra pública (Amossy, 2018). Amossy enfatiza que, por este motivo, a retórica

teve como objeto, principalmente, o judiciário e o deliberativo (o político no sentido amplo, que abrange tudo aquilo que demanda uma decisão para o futuro). Ela também abrangeu o epidíctico, ou discurso pronunciado em cerimônias (o elogio, o discurso de comemoração etc.). Com essa tripla dimensão, a retórica foi conceitualizada, formalizada e regulamentada na retórica de Aristóteles (384-322 a.C.), que, já em Cícero, aparece como referência principal da disciplina (2018, p. 16).

Amossy enfatiza que na concepção advinda de Aristóteles, a retórica é palavra que tem o auditório como destino e está presente nos domínios humanos que uma opinião precisa

ser adotada e uma decisão precisa ser tomada não com base em verdades absolutas, mas no que parece plausível. A verdade absoluta não está no horizonte da retórica, mas, o verossímil. Amossy (2018) relembra que este fato muitas vezes foi considerado a fraqueza da retórica por não a colocar na esfera da verdade. No entanto, a autora salienta que o verossímil é o princípio da força da retórica, pois permite a reflexão e comunicação nas esferas em que a verdade absoluta não pode ser garantida, isto é, “pode se dizer que, para a retórica clássica, a palavra tem uma força que se exerce nas trocas verbais, no decorrer das quais os homens dotados da razão podem, por meio de vias não coercitivas, levar seus semelhantes a compartilhar de suas perspectivas [...]” (Amossy, 2018, p. 17). Cabe destacar que, mesmo sendo importante, a retórica passou por um momento de declínio

No século XIX a retórica declinou “a ponto de quase desaparecer” (Reboul, 2004, p. 77). Reboul destaca o que poderia ter sido um grande problema e que se apresentou no fim da antiguidade: a relação entre a retórica e o cristianismo. A relação entre a retórica e a nova religião que surgia (com um rosto imperial) poderia ter sido negativa, pois alguns pais da igreja rejeitaram autores pagãos. Porém, a retórica era uma ferramenta nas ações missionárias (e nas polêmicas, como destaca Reboul) e na interpretação bíblica, visto que os textos bíblicos são essencialmente retóricos. Após o desmoronamento das estruturas do Império acontecer, a Igreja conservou a retórica. Assim, Reboul afirma que o cristianismo não foi o algoz da retórica, ao contrário, houve um desenvolvimento significativo da retórica durante a Idade Média.

É no Renascimento que ocorre o declínio da retórica. As novas perspectivas que surgem, além de gerar uma grande desconfiança à retórica, a desconstrói “rompendo o elo entre o argumentativo e o oratório, que lhe davam força e valor” (Reboul, 2004, p.79).

Um dos grandes algozes da retórica foi o filósofo francês René Descartes (1596 – 1650). Descartes rejeita a dialética por não ser um veículo que nos transporta à verdade, pois ela apenas nos apresenta opiniões - verossímeis e sujeitas a debate (Reboul, 2004) – e assim, seria um veículo que nos transporta para aquilo que é falso. O *Tratado*, recuperando a dialética e retomando a retórica grega, rompe com o cartesianismo, que se ramificou de diferentes formas e quase destruiu a retórica:

A publicação de um tratado consagrado à argumentação e sua vinculação a uma velha tradição, a da retórica e da dialética gregas, constituem *uma ruptura com uma concepção da razão e do raciocínio, oriunda de Descartes*, que marcou com seu cunho a filosofia ocidental dos três últimos séculos (Olbrechts-Tyteca; Perelman, 2014, p. 1).

Os autores reafirmam o campo da argumentação, resposta à concepção de Descartes de que tudo que é verossímil é falso: “o campo da argumentação é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (2014, p. 1). A proposta de Perelman e Olbrechts-Tyteca é um dos pilares do “ressurgimento”, mais do que necessário, da retórica.

A retórica passou por um processo de revitalização, tendo como ponto de partida a segunda metade do século XX (Massmann, 2021; Nascimento, 2018). Após um período de baixa, a partir dos anos 60, uma gama de perspectivas teóricas foi surgindo revitalizando e abrindo perspectivas para os estudos retóricos. Reboul afirma que nesse período nasce uma nova retórica, mas adverte que podemos chamar de “várias retóricas” e a que estava no auge era a literária, “sem relação alguma com a persuasão” (Reboul, 2004, p. 87-88).

No entanto, nesse período a argumentação volta à cena nos debates intelectuais e a persuasão (inerente a retórica)

volta a ser valorizada (Massmann, 2021). Assim, as obras *The uses of argument* (Toulmin) e *Le traité de l'argumentation. La nouvelle Rhétorique* (Perelman e Olbrechts-Tyteca) aparecem como alicerces. Nascimento destaca que o campo da argumentação ganha força não apenas pela publicação das obras, mas

sobretudo, porque a teorização contemporânea da argumentação, e aqui refiro-me à filosofia do razoável de Perelman, oferece uma resposta pertinente a questões que o formalismo proposicionalista prostrado em idolatria à razão lógico-matemática não foi capaz de oferecer, resposta, importante que se diga, de que não apenas o momento de pós-guerra necessitava, todavia que a própria complexidade da vida social demanda, ontem e hoje (Nascimento, 2018, p. 113).

Assim, há um rompimento com o racionalismo e o empirismo, ocorrendo um ressurgimento memorável da retórica. Nascimento (2018) ainda destaca a necessidade de diferenciar a argumentação retórica da demonstração. Tal preocupação encontramos no *Império Retórico*, em que Perelman ao levantar a pergunta sobre a diferença entre argumentação e demonstração afirma:

Antes de tudo, o fato de, numa demonstração, os signos utilizados serem, em princípio, desprovidos de qualquer ambiguidade, contrariamente à argumentação, que se desenrola numa língua natural, cuja ambiguidade não se encontra previamente excluída. Depois, porque a demonstração correta é uma demonstração conforme a regras explicitadas em sistemas formalizados. Mas também, e insistiremos neste ponto, porque o estatuto dos axiomas, dos princípios de que se parte, é diferente na demonstração e na argumentação (Perelman, 1993, p. 29).

A advertência está, e não somente, no fato de que, como destaca Nascimento (2018), a argumentação retórica está no campo da influência, o que não significa falta de racionalidade e lógica. Além disso, funciona sob a lógica informal o que não pode ser confundida com a lógica formal, base da demonstração. Outro ponto importante é que, considerando o campo da influência, onde está a argumentação, podemos cair na falsa ideia de relativismo. Por isso cabe a observação:

A nova retórica leva em conta o desacordo, a divergência e a dissensão como fato sociológico e que toda pretensão à verdade precisa ser argumentada, justificada, pois ela não se impõe como autoevidente. Nesse sentido, todas as perspectivas em torno da verdade são igualmente argumentáveis, o que não significa dizer respeito a um relativismo epistemológico (Nascimento, 2018, p. 114).

Dito isto, podemos afirmar a importância da Nova Retórica não só no campo da argumentação especificamente, mas nas ciências da linguagem, pois ela nos apresenta ferramentas que consideram os valores em torno de ações, decisões e contribui também sociologicamente nos estudos da linguagem.

Ainda falando sobre os méritos e contribuições do *Tratado*, reafirmamos o que foi dito por Plantin (2008), que nos diz que um dos principais méritos do *Tratado* foi “o de ter fundado o estudo da argumentação sobre o estudo das técnicas argumentativas” (Plantin, 2008, p. 45). Os autores do *Tratado* enfatizam que, na obra, desejam analisar esquemas de argumentos “para os quais os casos particulares examinados servem apenas de exemplos, que poderiam ser substituídos por mil outros” (Perelaman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 212). Os autores reconhecem a possibilidade de que os enunciados por eles abordados poderiam ser analisados de outra forma. A escolha dos exemplos passa pelo conhecimento profundo que os autores têm dos textos dos quais os exemplos foram extraídos.

Os autores destacam que um mesmo enunciado pode traduzir vários esquemas “que atuam simultaneamente sobre o espírito de diversas pessoas, até mesmo sobre um único ouvinte” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 212). Ainda afirmam que esses esquemas argumentativos podem atuar sem serem percebidos de maneira clara e apenas um trabalho de análise, que como destacam os autores, são raramente feitos, permita ao orador e, principalmente, aos seus ouvintes, ficarem conscientes dos esquemas utilizados ou a ação que eles estão sujeitos. Quanto a essa questão, os autores realçam que os textos literários<sup>4</sup>, de maneira geral, têm a vantagem de apresentar de forma simplificada os argumentos.

Os esquemas que os autores do *Tratado* buscaram discernir “se caracterizam por processos de ligação e de dissociação” (2014, p. 213). Os processos de ligação são esquemas que aproximam elementos distintos permitindo o estabelecimento de uma solidariedade que aspira estruturá-los ou valorizá-los um pelo outro. Já os processos de dissociação são técnicas de ruptura que visam separar elementos considerados um todo, “ou pelo menos um conjunto solidário dentro de um mesmo sistema de pensamento” (2014, p. 213). Esses esquemas de ligação estão na base de construção de três tipos distintos de argumentos: os quase lógicos; os baseados na estrutura do real; os que fundamentam a estrutura do real.

Ao falarmos sobre técnicas argumentativas remetemos a uma das principais ênfases de Perelman e Olbrechts-Tyteca: o orador e o auditório. Plantin (2008) salienta que mesmo podendo considerar a argumentação como um ramo da análise do discurso, o *Tratado da Argumentação* preocupa-se pouco com a linguagem e em alguns momentos incorpora a perspectiva argumentativa à perspectiva psicológica. Mesmo diante desse fato, não podemos negar a rica contribuição do *Tratado à Análise do Discurso*, como afirma Amossy:

---

<sup>4</sup> Romance; teatro; discurso (2014, p. 212).

Se a nova retórica de Perelman, que não estuda os processos languageiros como tais, escapa ao domínio da linguística, ela oferece, contudo, à análise do discurso um quadro essencial, na medida em que insiste sobre alguns constituintes essenciais: a importância do auditório, o caráter fundador das premissas e dos pontos de acordo na interação argumentativa e também os lugares comuns que balizam a argumentação. Enquanto, nas primeiras décadas, os filósofos da linguagem (como Austin) ou os pragmáticos (como Ducrot) não se referem à obra de Perelman, em nossos dias, ao contrário, os lingüistas e os analistas do discurso vêem nela, cada vez mais, uma fonte fecunda para a pesquisa linguística (Amossy, 2018, p. 24).

Nessa esteira, encontra-se, por exemplo, a análise dialógica da argumentação e com cautela, abrimos aqui um intervalo para dizer que essa lacuna encontrada no *Tratado*, de certa forma, pode ser preenchida em uma análise dialógica da argumentação. Afinal, a filosofia bakhtiniana, de certo modo, pode ser tomada como uma filosofia da linguagem. Considerando que a análise dialógica da argumentação é o encontro epistemológico entre a filosofia de Bakhtin e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, podemos pensá-la como o entrelaçamento da noção de argumentação proposta no *Tratado* e o dialogismo inerente a linguagem proposta por Bakhtin, isto é, não há uma separação entre argumentação e linguagem, visto que os discursos são enunciados que afirmam e respondem outros enunciados. Se o orador (aquele que fala ou aquele que escreve) para Perelman, rompendo com o raciocínio lógico, é aquele que tenta convencer o seu auditório tendo como base as crenças e valores, é possível afirmar que essa relação é minimamente dialógica, valorativa, axiologicamente construída. Essa relação de influência recíproca entre orador e auditório “constitui um dos princípios de base da nova retórica” (Amossy, 2018, p. 22).

## 2 ARGUMENTAÇÃO E PERSUASÃO

Um ponto de partida interessante e importante é a seguinte afirmação: “o argumento é o que realça, o que faz brilhar uma ideia” (Fiorin, 2020, p. 22). Iniciamos essa breve seção com essa afirmação para destacarmos que o argumento, ou o raciocínio, não é a ideia em si, mas uma espécie de ornamento. Argumentar contra ou a favor de alguma coisa não significa a definição ou a prova definitiva da existência ou inexistência, se é que isso é possível. Argumentar é defender um posicionamento e implica raciocinar. O argumento é um raciocínio.

No entanto, cabe destacarmos que definir argumentação e argumento depende, prioritariamente, da teoria que está sendo articulada. São diversas as teorias<sup>5</sup> que discutem argumentação e a sua relação com as teorias do discurso. Partiremos da definição de argumentação proposta pela analista do discurso israelense Ruth Amossy:

Os meios verbais que uma instância de locução utiliza para agir sobre seus alocutários, tentando fazê-los aderir a uma tese, modificar ou reforçar as representações e as opiniões que ela lhes oferece, ou simplesmente orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema (Amossy, 2018, p. 47).

A escolha tem uma razão. A definição proposta por Amossy é constitutiva da sua teoria da argumentação no discurso (Amossy, 2018). É importante salientar que

---

<sup>5</sup> Para aprofundamento da questão indicamos os livros *Introdução às teorias da argumentação* (2023) organizado pelos professores Eduardo Lopes Pires e Rui Alexandre Grácio e *Introdução à análise da argumentação* (2022) organizado pelos professores Rubens Damasceno-Morais e Isabel Cristina Michelin de Azevedo.

Quando se fala em argumentação no discurso, é importante considerar que Amossy propõe preencher uma lacuna observada no projeto de reintrodução da retórica na contemporaneidade conduzido por Perelman em toda a sua obra, qual seja: considerando que a nova retórica inscreve-se na tradição dos estudos filosóficos, os fatores linguageiros responsáveis pela construção da argumentação não se afiguraram como objeto de estudo (Piris, 2023, p. 335).

Inscrever-se nos estudos filosóficos significa que, como destaca o autor, a preocupação prioritária de Perelman era o combate ao cartesianismo. Chaïm Perelman era um filósofo do direito e nesse campo estava a sua principal atuação. Por não se preocupar com as atividades linguageiras, ou com o discurso tal como é estudado nas teorias do discurso desde a década de 70, nas obras de Perelman, em especial o Tratado da argumentação escrito em parceria com Lucie Olbrechts-Tyteca, não encontramos estudos sobre as nuances discursivas necessárias para compreendermos a articulação da memória discursiva e os efeitos de sentido.

Sendo assim, nasce teorias como a argumentação no discurso proposta por Ruth Amossy (2018) e a análise dialógica da argumentação proposta por Lucas Nascimento (2018). Destacamos o que Amossy compreende como a tarefa assumida pela análise dita retórica ou argumentativa:

Ela estuda as modalidades múltiplas e complexas da ação e da interação linguageiras. Desse modo, ela reivindica seu lugar não somente nas ciências da comunicação, mas também no seio de uma linguística do discurso, compreendida em sentido amplo como um feixe de disciplinas que se propõem a analisar o uso que se faz da linguagem em situações concretas. Mais precisamente, a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD) na medida em que deseja esclarecer

os funcionamentos discursivos, explorando uma fala situada e, pelo menos, parcialmente sujeita a coerções (Amossy, 2018, p. 11).

A afirmação de que a análise argumentativa se apresenta como um ramo da AD é problemática, pois ao observarmos as teorias da argumentação e do discurso percebemos as possibilidades de diálogos, porém, fica evidente que as propostas são distintas. No entanto, é importante esclarecer que essa afirmação é oriunda da proposta da autora, o que não significa unanimidade.

A hipótese de que a argumentação é um ramo da AD tem sua razão tal como destaca Piris (2023):

a análise argumentativa apresenta-se como um ramo da Análise do Discurso (AD), porque busca esclarecer os funcionamentos discursivos da argumentação, explorando a fala situada, parcialmente sujeita a coerções sócio-históricas e associada a um lugar social e a quadros institucionais, em que as opiniões e as crenças que circulam numa dada época são fatores que constroem o discurso, de modo que o orador e seu auditório não estão na origem do discurso, já que são atravessados pelas ideias preconcebidas e as evidências compartilhadas de uma época (Piris, 2023, p. 331).

Independentemente dos pontos de convergência e divergência, que precisam ser considerados, a teoria de Amossy propõe uma análise que, de fato, amplia as possibilidades de análise do discurso e da argumentação, assim como amplia as ferramentas que um orador pode utilizar ao construir e proferir o seu discurso.

Amossy propõe que o discurso possui uma dimensão argumentativa e pode revelar uma visada argumentativa. Essa distinção é fundamental para não apenas entendermos

a teoria da autora, mas também para entendermos o funcionamento dos discursos que circulam na sociedade.

Como destaca a própria autora, “para evitar as confusões, é preciso, porém, diferenciar a dimensão argumentativa inerente a muitos discursos, da visada argumentativa que caracteriza alguns deles” (Amossy, 2018, p. 44). Amossy enfatiza que expressar um posicionamento um ponto de vista sobre as coisas não pode ser confundido com uma empreitada de persuasão sustentada por uma intenção consciente. O exemplo descrito é uma defesa no tribunal. Na defesa existe uma clara visada argumentativa, pois se o objetivo do advogado, por exemplo, é defender o seu cliente, as estratégias serão pensadas conscientemente visando o alcance do alvo que é inocentá-lo ou atenuar a pena.

Já uma descrição jornalística ou romanesca, por exemplo, evidenciará uma dimensão argumentativa mais do que uma visada argumentativa, destaca a autora. Isso ocorre porque uma descrição jornalística visa apresentar uma dimensão do real sem, necessariamente, apresentar provas. Amossy ainda destaca que

Em termos de gêneros, podem-se mencionar (entre outros) como discursos com visada persuasiva **a pregação na igreja**<sup>6</sup>, o discurso eleitoral, a publicidade, o manifesto, o editorial. Entre os discursos que portam uma dimensão e não uma visada argumentativa, estão o artigo científico, a reportagem, as informações televisivas, algumas formas de testemunhos ou de autobiografia, a narrativa de ficção, a carta ao amigo, a conversação cotidiana (Amossy, 2018, p. 44).

Em suma,

---

<sup>6</sup> Grifo nosso.

Segundo a autora, há visada argumentativa quando o discurso manifesta uma intencionalidade de argumentar por meio de um projeto declarado de construção da adesão a uma tese: o discurso eleitoral ou o anúncio publicitário constituem exemplos flagrantemente disso. Por outro lado, o discurso comporta de forma inerente uma dimensão argumentativa no gênero notícia de jornal, por exemplo, que se pretende neutro, imparcial e objetivo, mas que, de fato, orienta o leitor a ver e sentir o mundo sob um dado ponto de vista. Desse modo, a dimensão argumentativa é constitutiva do discurso, uma vez que todo discurso é dotado de uma força orientativa capaz de influenciar o outro, independentemente de sua finalidade (Piris, 2023, p. 332).

Percebemos então que a pregação é um gênero que possui uma visada persuasiva. A pregação não é uma simples opinião sobre a realidade sem uma estratégia persuasiva pensada previamente. No Tratado da argumentação os autores propõem uma reflexão sobre a distinção entre persuadir e convencer. Destacam que dois pontos precisam ser levados em consideração: a ação e a racionalidade. A ação, pois “para quem se preocupa com o resultado, persuadir é mais do que convencer, pois a convicção não passa da primeira fase que leva à ação” (Perelman; Olbrechts-tyteca, 2014, p. 30). E a racionalidade, pois, “em contrapartida, para quem está preocupado com o caráter racional da adesão, convencer é mais do que persuadir” (Perelman; Olbrechts-tyteca, 2014, p. 30). O fato é que convencer e persuadir são duas coisas distintas e, alguém que foi convencido não foi, necessariamente, persuadido.

Os autores do Tratado recusam adotar essa distinção dentro de um pensamento vivo, no entanto, destacam os autores, a nossa linguagem utiliza os dois termos. Logo, os autores propõem “chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional” (Perelman; Olbrechts-tyteca, 2014, p. 31). Destacam ainda que:

Nosso ponto de vista permite compreender que o matiz entre os termos convencer e persuadir seja sempre impreciso e que, na prática, deva permanecer assim. Pois, ao passo que as fronteiras entre a inteligência e a vontade, entre a razão e o irracional, podem constituir um limite preciso, a distinção entre diversos auditórios é muito mais incerta, e isso ainda mais porque o modo como o orador imagina os auditórios é o resultado de um esforço sempre suscetível de ser retomado (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 33).

Na prática, o ponto central não é a distinção teórica dos termos, mas a importância de salientar a diferença para exprimir o (pouco) valor objetivo e a força das razões. Na pregação, ainda que não seja salientada a força objetiva (racional e transparente) de modo que todo ser racional compreenda e aceite o que está sendo posto, a força das razões pode persuadir um auditório específico, modificando o seu posicionamento e automaticamente as suas ações.

### **3 ARGUMENTAÇÃO, PERSUAÇÃO E A PROCLAMAÇÃO DO EVANGELHO**

No último capítulo do Evangelho de Marcos (16:9-20) encontramos uma relação interessante entre persuasão e proclamação do Evangelho. O início da narrativa apresenta uma afirmação fundamental na teologia cristã: a ressurreição. O ponto de partida da narrativa é o Jesus ressuscitado: “E Jesus, tendo ressuscitado na manhã do primeiro dia da semana [...]” (Mc 16:9), o que confere força àquilo que seria narrado. Jesus aparece, primeiramente, a Maria Madalena. Maria parte e anuncia o Cristo ressuscitado àqueles que estiveram com ele, mas que estavam chorando e tristes (Mc 16:10).

O verbo empregado é *ἀπαγγέλλω* (anunciar; proclamar; contar). O verbo é formado pela preposição *ἀπό* (de; de junto de;

desde) e o substantivo ἄγγελος (mensageiro). Maria Madalena é apresentada como alguém que proclamou a ressurreição de Jesus, porém, o seu auditório não creu: “e, ouvindo eles que Jesus vivia e que tinha sido visto por ela, não o creram” (Mc 16:11). O verbo ἀπιστέω (α + πιστός) significa não crer; desconfiar; recusar-se a acreditar; não acreditar em alguém. Não entraremos em pormenores culturais, no entanto, é evidente que o testemunho de Maria Madalena não é suficiente e a relação dela com o auditório não é bem estabelecida.

A narrativa continua e parece indicar que a situação mudará. Isso porque o narrador informa que Jesus manifestou-se (φανερῶ: expor-se publicamente; revelar), em outra forma, durante uma caminhada para o campo a dois dos que não haviam crido (Mc 16:12). No entanto essa expectativa é rapidamente demolida, pois no versículo 13 o narrador indica que essas duas testemunhas anunciaram (ἀπαγγέλλω) o Cristo ressuscitado e mesmo assim não creram. A ausência dos nomes, diferente de Maria que foi nomeada, pode não ter nenhuma importância. No entanto, não podemos descartar a possibilidade de que o silenciamento pode indicar o fato de que não importa quem anunciasse, os discípulos não creriam.

A situação, de fato, muda no versículo 14: “finalmente apareceu aos onze, estando eles assentados juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração, por não haverem crido nos que tinham visto já ressuscitado”. A aparição de Jesus funcionou como um valor objetivo, irrefutável. No entanto, a proclamação daqueles que já haviam estado com ele é o prenúncio da missão dos discípulos que não contariam mais com esse valor objetivo e não anunciariam Jesus tal como se anuncia um acadêmico visto por todos os instantes antes de proferir a sua conferência.

No versículo 15 isso ficou explícito: “e disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregar o evangelho a toda criatura”. O verbo κηρύσσω

pode ser traduzido como pregar; proclamar; anunciar; tornar público. Fica evidente que o centro da narrativa é a proclamação, proclamação de um Cristo que apesar de não ser mais visto, estava vivo.

Na continuação da narrativa, versículo 16, a persuasão torna-se importante: “quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”. Crer é a tradução de *πιστεύω* (crer; confiar; acreditar). O *The Complete Word Study Dictionary, New Testament* destaca que esse verbo transmite o sentido de estar firmemente persuadido de algo. Logo, esse “estado de persuasão” passaria pela proclamação do evangelho, visto que o mundo não veria mais o Cristo ressuscitado antes do seu retorno ao nosso mundo terreno. Apesar da importância da proclamação, o “estado de persuasão” não é suficiente, afinal, Jesus destaca que era necessário ser batizado, isto é, uma transformação real e permanente (*βαπτίζω*). Apesar da proclamação não ser suficiente, fica evidente que a transformação real e permanente é posterior à proclamação, ou seja, sua consequência. Ser persuadido implica uma mudança de rota.

No versículo seguinte são apresentados os sinais que seguiriam os que cressem. No entanto, os sinais são apresentados como consequência e não como o objetivo. O objetivo real é a proclamação, a persuasão. Esse ponto é salientado no versículo 20: “e eles, tendo partido, **pregaram**<sup>7</sup> por todas as partes, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém!”. Os sinais é a confirmação. O que é prioritário e imperativo é a proclamação do evangelho. O anúncio do Cristo ressuscitado e a sua mensagem é o centro da narrativa, é o ponto de partida da transformação do ser humano que ouve e decide mudar.

---

<sup>7</sup> Grifo nosso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste breve estudo foi apresentar a importância da retórica e da argumentação visando a possibilidade de análise de textos e a proclamação do evangelho tendo essa metodologia como ferramenta. É importante salientarmos que o uso popular do termo retórica, uso pejorativo, talvez tenha sido fundamental para a não popularização dessas disciplinas nos centros teológicos contemporâneos, pois é gritante a diferença da importância dada à retórica na antiguidade e na contemporaneidade.

Salientamos também que a escolha pela retórica ocidental se dá principalmente pelo avanço dos estudos nesse campo e não por uma decisão valorativa. São poucas as pesquisas que lidam com a retórica oriental e, é ainda mais desconhecida pelo público brasileiro os estudos sobre a Retórica Bíblica Semítica divulgada pelo erudito Roland Meynet.

Em suma, esperamos que este breve ensaio contribua na reflexão sobre o uso de ferramentas na proclamação do evangelho e o avanço do Reino de Deus na terra, considerando sempre que a iluminação é oriunda do Espírito.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. **Exegese do Novo Testamento**: um guia básico para o estudo do texto bíblico. São Paulo: Vida Nova, 2016.

AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira; Angela M. S. Corrêa et al. São Paulo: Contexto, 2018.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelin de; DASMACENO-MORAIS, Rubens (org.). **Introdução à análise da argumentação**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016.

BÍBLIA ALMEIDA. **Bíblia Sagrada**. ed. revista e corrigida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil.

FERREIRA, Moisés Olímpio. A argumentação paulina em discurso dirigido a judeus não convertidos de Antioquia da Pisídia. **Estudos de religião**, v. 26, n. 43, p. 173-202, 2012.

FERREIRA, Moisés Olímpio. **A arte retórica nos discursos do apóstolo Paulo**: as estratégias de convencimento e persuasão frente à diversidade de auditórios. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, 2011.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. Tradução Paulo Geiger. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MASSMANN, Débora. **Institucionalização e desdobramentos da retórica**: história, memória e atualidade. In: GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto; PIRIS, Eduardo Lopes (orgs.). Estudos de linguagem, argumentação e discurso. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

MEYNET, Roland. **Studi di retorica bíblica**. Torino: Claudiana, 2008.

MEYNET, Roland. **Trattato di retorica bíblica**. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2008.

MEYNET, Roland; ONISZCZUK, Jacek. **Esercizi di analisi retorica bíblica**. Roma: Pontificio Istituto Biblico Gregorian Biblical Press, 2013.

NASCIMENTO, Lucas Silva. **Análise dialógica da argumentação**: a polêmica entre afetivossexuais reformistas e cristãos tradicionalistas no espaço político. 2018. 557f. (Doutorado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

NOVUM Testamentum Graece, Nestle-Aland (NA28). 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

PERELMAN, Chaïm. **O Império Retórico**. Porto: Edições Asa, 1993.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PIRIS, Eduardo Lopes. Ruth Amossy e sua abordagem sociodiscursiva da argumentação. In: PIRIS, Eduardo Lope; GRÁCIO, Rui Alexandre (orgs.). **Introdução às teorias da argumentação**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SILVA, Fagner Carvalho. **Uma análise dialógica da argumentação na tentação de Jesus em Mateus 4:1-11**. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2023.

STRONG, James. **The Exhaustive Concordance of the Bible**: Showing Every Word of the Text of the Common English Version of the Canonical Books, and Every Occurrence of Each Word in Regular Order. electronic ed. Ontario: Woodside Bible Fellowship., 1996.

SWETNAM, James. **Gramática do Novo Testamento**. Tradução: Henrique Muracho, Juvino A. Maria Jr., Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.

*The Complete Word Study Dictionary, New Testament*. Edição eletrônica. AMG Publishers.

VANHOOZER, Kevin J. **Há um significado neste texto? Interpretação bíblica: os enfoques contemporâneos**. Tradução Álvaro Hattnher. São Paulo: Editora Vida, 2005.